

O EDIFÍCIO DO EDUCANDÁRIO SANTA TERESA

O edifício do Educandário Santa Teresa, que abrigará a DAROS AMÉRICA LATINA, tem as suas origens inseparáveis da história da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, a mais antiga instituição filantrópica e hospitalar da cidade, fundada pelo Padre José de Anchieta no sopé do desaparecido Morro do Castelo, onde permanece até hoje, funcionando sem solução de continuidade pelo menos desde 1582, ou seja, apenas dezessete anos após a fundação da cidade, e quinze anos após a sua transferência para o sítio definitivo.

Foi na primeira metade do século XVIII, sob a administração do Capitão-geral Gomes Freire de Andrada, que se sentiu a pela primeira vez a necessidade de amparo aos órfãos e menores abandonados da cidade. O gesto pioneiro coube ao rico cidadão português Romão de Matos Duarte, que no ano de 1738, a partir de generosa doação de 32 mil cruzados à Santa Casa da Misericórdia, fundou a instituição da Casa dos Expostos, à qual se seguiu, em 15 de setembro de 1749, a fundação do Recolhimento das Órfãs, que viria a ter sua sede mais importante, um século depois, no Recolhimento de Santa Teresa, depois Educandário do mesmo nome.

Enquanto a Casa dos Expostos, com a sua célebre e trágica “roda”, passou por diversas sedes, até instalar-se definitivamente na Chácara das Mangueiras, no bairro do Flamengo, onde permanece até hoje com o nome de Fundação Romão de Matos Duarte, o Recolhimento das Órfãs instalou-se inicialmente no prédio setecentista, à direita da igreja de N. S. do Bonsucesso e do hospital velho da Misericórdia, a mais antiga construção _ junto com o antigo Convento do Carmo _ ainda existente no Rio de Janeiro, após o criminoso arrasamento da acrópole quinhentista portuguesa do Morro do Castelo, em 1922.

No ano de 1842 o Recolhimento das Órfãs deixou o prédio original da Ladeira da Misericórdia, já insuficiente para as suas funções, por inspiração do Provedor Manuel Correia Vasques, mudando-se para Laranjeira, Botafogo e São Cristóvão, até a inauguração, em 1866, na então Rua do Hospício Pedro II, número 7 _ antiga Azinhaga da Praia Vermelha e atual Rua general Severiano, 159 _ do magnífico edifício do Recolhimento de Santa Teresa, projetado pelo grande arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1912), um dos mais prolíficos entre os discípulos de Grandjean de Montigny, autor, entre muitos outros projetos, da terceira sede da Praça do Comércio do Rio de Janeiro (muito adulterada), atual Centro Cultural do Banco do Brasil; do edifício do Real Gabinete Português de Leitura (com fachada manuelina do escultor português Rafael de Silva e Castro); do Mercado do Largo da Glória (demolido na gestão do Prefeito Pereira Passos); da igreja matriz de São João Batista da Lagoa, na Rua Voluntários da Pátria; da Escola da Harmonia, atual Centro Cultural José Bonifácio, na Gamboa, assim como da reforma geral do edifício do Imperial Colégio D. Pedro II, na atual Rua Marechal Floriano. Bethencourt da Silva foi um dos arquitetos mais inovadores e um dos que mais marcou a paisagem carioca, entre os membros da sua geração, formada pelo grande mestre francês já mencionado.

De fato, o edifício do Recolhimento de Santa Teresa representa um dos três grandes conjuntos neoclássicos para uso entre hospitalar e educacional realizados na então Corte nos meados do século XIX. Os outros dois são respectivamente o majestoso hospital novo da Santa Casa da Misericórdia, na antiga Praia de Santa Luzia, com projeto de Domingos Monteiro completado e adaptado por José Maria Jacinto Rebelo _ outro grande nome da geração de Bethencourt da Silva _ iniciado em 1840, e o do Hospício Pedro II, erguido entre 1842 e 1852, também com risco original de Domingos Monteiro alterado por Jacinto Rabelo e Joaquim Cândido Guillobel, vizinho aliás do Recolhimento de Santa Teresa, este inaugurado em 1866. Nos três domina o partido de um corpo central com frontão triangular, construção à volta de pátios internos e fachada coberta por platibandas. Enquanto nos edifícios da Santa Casa da Misericórdia e do Hospício Pedro II, no entanto, os vãos são todo em arco pleno, no do Recolhimento de Santa Teresa imperam as vergas retas, dando-lhe um caráter de certo modo mais arcaizante, ainda que sendo o mais novo dos três. Do mesmo modo é o único térreo, ainda que sobre porão habitável, enquanto os outros dois são sobrados. Nos três edifícios mantém-se o partido de uma capela, em corpo elevado, no eixo do frontão da fachada. Esses três edifícios são marcos incontornáveis _ aos quais poderíamos acrescentar o da antiga Casa da Moeda, atual Arquivo Nacional _ da implantação de um estilo neoclássico característico do Segundo Império brasileiro na então Corte, a cidade do Rio de Janeiro.

Inaugurado, como já mencionamos, em 1866, na provedoria do Conselheiro Zacarias Góis de Vasconcelos, que sucedera ao grande patriota e filantropo José Clemente Pereira _ durante a provedoria do qual fora fundado, por decreto de 14 de março de 1852, o Recolhimento de Santa Teresa, com assentimento de D. Pedro II _, o edifício manteve-se, por mais de um século, fiel às funções precípuas para que fora criado. Quando da provedoria do Ministro Afrânio Antônio da Costa seu nome foi mudado de Recolhimento para Educandário de Santa Teresa, afastando-se assim a aura entre piedosa e caritativa da expressão original, do mesmo modo que as um dia chamadas “asiladas” passaram a denominar-se simplesmente “alunas”. Nas últimas décadas do século XX o Educandário de Santa Teresa funcionou em regime de comodato com o Colégio Anglo-Americano, até a sua desafetação definitiva e a alienação do prédio no ano de 2005.

Notavelmente conservado em seu quase um século e meio de existência, com algumas poucas e inevitáveis adulterações _ pontuais e facilmente identificáveis para edifício de sua idade e prolongado uso _ a antiga sede do Educandário de Santa Teresa, um dos exemplares mais puros e elegantes do neoclassicismo oitocentista na arquitetura brasileira, prepara-se agora, graças à DAROS, para iniciar um novo período de sua presença na vida e na paisagem física e humana do Rio de Janeiro.

Alexei Bueno